

Samba dream

NUNO FERREIRA SANTOS



Opinião Diogo Castro e Silva

Visto de um Portugal depressivo e em crise de confiança, o Brasil parece ser hoje a miragem da terra prometida. Os Estados Unidos do mundo da língua portuguesa, finalmente concretizando a sua promessa sempre adiada de prosperidade, substituindo o querer pelo fazer e dando a si próprio e ao resto do mundo a sua própria versão do sonho americano. É sob este signo que se iniciaram este mês as comemorações do ano de Portugal no Brasil, em que o primeiro vê o segundo como um “canivete suíço” económico quase milagroso. Como o mercado para as suas exportações, a solução para a venda das suas empresas e a porta de colocação dos seus quadros.

Se olharmos para a história recente dos dois países, o momento atual representa uma inversão extraordinária daquilo que se passou na segunda metade dos anos 90. Aí os dois países olhavam-se de uma maneira completamente diferente. Portugal estava no seu momento “Escandinávia”, com as fiças todas colocadas na Europa e a convicção que se tinha colocado definitivamente na primeira divisão do Continente e o Brasil vivia a realidade da montanha russa que sempre caracterizou o país sem ainda ter tomado consciência de como o consulado de Fernando Henrique Cardoso iria alterar o rumo da nação. O início da emigração brasileira para Portugal e a tomada de posições significativas no mercado brasileiro das maiores empresas portuguesas pareciam confirmar como definitiva esta percepção de ambos os lados do Atlântico.

Só que nem a realidade dos anos 90 se prolongou muito no tempo, nem o atual momento de Portugal é eterno. Aliás, os próprios brasileiros são os primeiros cétricos do seu próprio sucesso, vacinados que estão pela história do país, como, pelo mesmo conjunto de razões,

nos olham com um misto de estupefação e incredulidade por acharmos que o mundo está a acabar quando temos uma boa qualidade de vida, segurança, transportes públicos que funcionam, segurança social, etc...

Assim, olhar para o ano de Portugal no Brasil, e para as suas relações económicas, submergido pela espuma do atual momento dos dois países, é capaz de não ser a atitude mais aconselhável nem a mais proveitosa. Partindo de fatos, existem, porém, algumas certezas. A primeira é que a ascendência do Brasil a um patamar compatível com a sua dimensão é uma certeza. Isso não quer dizer, contudo, que o país será um país desenvolvido ou rico no longo prazo. O Brasil, à semelhança dos outros grandes países emergentes, enfrenta nas próximas, eu diria duas décadas, o desafio de enriquecer antes de envelhecer ou envelhecer antes de enriquecer. O Brasil vive na plenitude o seu bônus demográfico, e este tem sido, ao longo da história, um dos grandes fatores explicativos de um crescimento económico de um país acima da sua média de longo prazo. Foi assim na Europa e Estados Unidos do pós-II Guerra Mundial e na China dos últimos 20 anos. Brasil e Índia estão agora a começar a utilizar este poderoso ingrediente do crescimento económico. É mais fácil imaginar este processo como um surfi sta que apanhou uma onda poderosa. Se chega ou não à praia, é uma pergunta que só terá resposta daqui a alguns anos. Assim, não, o momento do Brasil não é fugaz nem vai terminar amanhã, mas tampouco é definitivo e eterno. Por outro lado, à semelhança da China, Índia, Turquia e Indonésia (não, não acredito na Rússia como ator de futuro), para citar os mais importantes, o Brasil vai ser um ator importante da cena política internacional, desempenhando um papel regional e global condizente com a sua dimensão continental e com um novo equilíbrio internacional que terá necessariamente de ser desenhado na sequência do declínio relativo da Europa e Estados Unidos. Isso demorará algum tempo, até porque o Brasil terá ainda de se libertar



Portugal vê o Brasil como um “canivete suíço” económico quase milagroso

de alguns mitos fundadores da sua política externa ainda muito ligada ao movimento dos não alinhados e a uma cosmologia dos anos 60, e também avançar na internacionalização da sua economia e das suas empresas. Estes passos estão a ser dados,

Olhar para o ano de Portugal no Brasil, e para as suas relações económicas, submergido pela espuma do atual momento dos dois países, é capaz de não ser a atitude mais aconselhável

mas como é natural demoram tempo a ocorrer.

E é precisamente nesta transformação do Brasil como ator global que a relação com Portugal pode ser útil a este e naturalmente permitir a Portugal colher benefícios da

relação bilateral. Em primeiro lugar porque o laço linguístico e cultural é indissolúvel e, neste aspecto, o Brasil é, aliás, um defensor mais acérrimo da língua portuguesa na cena global do que o nosso próprio país. Por outro lado, o Brasil, pela sua importância crescente a nível global, não precisa, como é óbvio, de Portugal como porta de entrada para lado nenhum, sendo que este, às vezes, é também um dos mitos da nossa política externa. Contudo, os quadros e as empresas portuguesas podem ser plataformas muito interessantes para as empresas brasileiras na sua expansão internacional, transformando-as de um dia para outro de empresas grandes, mas confiadas ao seu mercado doméstico, em empresas com um cariz mais global. Não só para África, e, sobretudo, a de língua portuguesa, que é uma das prioridades da política externa do Brasil, mas igualmente para outros mercados. O exemplo da Cimpor pode ser, aliás, emblemático desta nova realidade. Quanto ao peso de Portugal e das suas empresas no Brasil, é preciso ser realista

e reconhecer que o momento dos anos 90 não é repetível. A dimensão da economia brasileira e a consequente valorização dos seus ativos tornam isso evidente. Isso não quer dizer, no entanto, que o Brasil não seja um mercado atrativo e de êxito para as empresas nacionais. Terão sucesso todas aquelas empresas que reconhecerem a enorme exigência do mercado, a sua complexidade e a consequente necessidade de foco, a sua diferença de cultura de negócios com Portugal apesar da língua comum e a necessidade de planos de capital que tenham em conta que levantar dívida no Brasil é difícil para recém-chegados, só para citar algumas verdades.

O fado tem lugar no samba, mas só com realismo e a noção exata do momento das duas nações é possível transformar essa realidade numa melodia de sucesso.

Administrador do Grupo Caixa Geral de Depósitos no Brasil e ex-quadro do Banco Mundial. O autor escreve ao abrigo do novo acordo ortográfico. dcastroesilva@gmail.com